

CAPÍTULO 3

SABEDORIA E ENVELHECIMENTO:

A ARTE DE SOBREVIVER EM DIFERENTES MUNDOS

FELISMINA MENDES (Universidade de Évora, Portugal)

O desafio de refletir sobre a sabedoria, enquanto categoria central das representações do envelhecimento, numa perspectiva essencialmente conceptual, reveste-se de uma tensão/oposição que balança sistematicamente entre os processos inerentes à construção do conhecimento e o saber prático. Nesse jogo, marcam presença a informação, o conhecimento e a sabedoria, já que uns e outros se influenciam sem, no entanto, se confundirem, apesar de serem frequentemente confundidos.

Numa primeira aproximação, sem nos determos em qualquer corrente teórica, diríamos que a informação remete aos dados em estado bruto, captados pelos sentidos, o conhecimento está associado a processamento, incorporação e compreensão da informação e a sabedoria diz respeito ao conhecimento submetido ao julgamento das normas, valores, crenças. Pode-se, então, mencionar que sem informação não há conhecimento e sem conhecimento não há sabedoria, mas é possível haver conhecimento sem sabedoria. Essa possibilidade advém da noção eminentemente prática (que não é exclusiva da ação) associada à sabedoria. Para alguns autores, é o saber prático, incorporando valores, sentidos e significados provenientes da experiência cotidiana, que melhor define e caracteriza a sabedoria.

Neste texto, faz-se um exercício reflexivo sobre os significados subjacentes à sabedoria dos idosos, com base nos paradigmas desenvolvimentistas e na abordagem construcionista de Bourdieu. O objetivo é tentar decifrar um dos estereótipos mais clássicos da sociedade ocidental e oriental: a sabedoria dos idosos.

Durante as últimas três décadas, um número crescente de investigadores, nomeadamente da área das ciências comportamentais, tem-se dedicado ao estudo da sabedoria como construção científica legítima (ARDELT; 1997; BALTES, 1997; LABOUVIE-VIEF, 1996), com o objetivo de desenvolver teorias implícitas e explícitas a seu respeito. Apesar da falta de consenso, pode-se ressaltar que a sabedoria é, nessa perspectiva, uma manifestação da inteligência prática e dos mecanismos de seleção, otimização e compensação, que incluem capacidades e processos intelectuais adquiridos a partir da interação (NERI, 2006).

Nessa linha, a sabedoria se assume como pragmática e reflexiva, implica a planificação da vida (estabelecimento de metas relevantes e de esforços destinados a alcançá-las) e avalia de forma ponderada os meios em face aos fins, enfrentando todas as dúvidas e adversidades. Esse cenário exige não somente equilíbrio, mas também experiência para dar sentido à vida, pois os posicionamentos conciliadores, a compreensão, a reflexão e as capacidades de comunicação são indissociáveis da sabedoria (BARROS DE OLIVEIRA, 2005).

Também Baltes e Smith (1990) designam como fatores associados à sabedoria o bom senso, a experiência, a capacidade de observação, a abertura de espírito e a independência de pensamento. Assim, pode afirmar-se que uma pessoa é sábia

quando tem competências para evitar ou anular situações conflituosas, quando domina

as estratégias e consequências inerentes à tomada de decisões, quando leva em consideração os diferentes aspectos do meio no estabelecimento de prioridades e quando reconhece e/ou antecipa as inseguranças do cotidiano e consegue resolvê-las (IZQUIERDO MARTINEZ, 2005, p. 613).

De acordo com o paradigma pragmático, a sabedoria tem mais probabilidade de ocorrer na velhice do que em idades anteriores do desenvolvimento, pois depende da experiência acumulada. No entanto, ser idoso não é condição suficiente para a emergência da sabedoria, pois outras variáveis, como a profissão, a experiência sócio-histórica, as experiências pessoais, a personalidade e a inteligência, condicionam o aparecimento de desempenhos considerados sábios na velhice (MAYER, 2001).

Para a escola de Berlim, a sabedoria resulta do desenvolvimento do conhecimento ao longo da vida e existem três tipos de fatores responsáveis por ele: os que se relacionam com os contextos e as experiências genéricas (grau acadêmico, experiência relacionada com receber e oferecer conselhos, educação, profissão que implique dirigir e responsabilizar-se com pessoas); os que se referem à gestão cotidiana de vida (experiência na resolução de problemas e dilemas vitais, motivação e interesse por questões humanas ou impulso para a melhoria e excelência pessoal); e, por fim, as disposições e os fatores individuais, como a criatividade, a inteligência, a flexibilidade, o interesse em aprender e a abertura a novas experiências. A sabedoria pode, então, ser considerada como um conjunto de conhecimentos sobre questões centrais da experiência cotidiana, que remetem para a planificação; a gestão (melhor forma

86

CAPÍTULO 3

de enfrentar e evitar as situações problemáticas e de conseguir levar uma vida com qualidade); e a revisão (significado atribuído ao experienciado).

Kunzmann (2009) salienta que o conhecimento relacionado com o sentido da vida e o comportamento que se aproxima da sabedoria devem responder a cinco critérios. O conhecimento rico e objetivo da natureza humana e do curso da vida e um bom conhecimento prático das formas ou estratégias de enfrentar os problemas da vida (*coping*) são considerados dois desses critérios básicos. Os outros três critérios, denominados meta-critérios, considerados exclusivos da sabedoria, são o contextualismo no decurso da vida, o relativismo dos valores e da tolerância e a capacidade para enfrentar a incerteza, aceitando as limitações do próprio conhecimento.

A perspectiva da sabedoria baseada na personalidade foi defendida por Ardelt (2004), que a considera como a integração de características cognitivas, reflexivas e afetivas. As qualidades cognitivas são as competências que permitem discernir e lidar com a complexidade e as incertezas da vida, rumo à verdade; as reflexivas têm a ver com o conhecimento descritivo e interpretativo, procurando o significado profundo dos acontecimentos e aceitando a realidade; e as afetivas referem-se a uma maior compreensão e empatia com os outros. A sabedoria assim entendida tende a aproximar-se mais de um ideal conceptual do que de um saber prático ou de uma manifestação comportamental. Embora a clarificação da estrutura e conteúdo da personalidade dotada de sabedoria ainda esteja por esclarecer, Wink e Helson (1997) referem-se aos componentes dessa personalidade: sabedoria prática, desenvolvimento intrapessoal, respostas afetivas maduras, conhecimento de si

87

CAPÍTULO 3

mesmo, integridade, autotranscendência, aceitação dos limites do conhecimento e compromissos filosóficos/espirituais.

De acordo com Kunzmann (2009), estudos recentes associam as disposições emocionais e motivacionais à sabedoria, considerando-as fatores determinantes no desenvolvimento do conhecimento relacionado com a sabedoria, num dado momento. Segundo o

mesmo autor, numa perspectiva de desenvolvimento, certas experiências e disposições emocionais podem ser fundamentais para a aquisição da sabedoria enquanto sistema de conhecimentos qualificados relativos ao sentido e à orientação da vida.

A sabedoria é também considerada um recurso pessoal com uma orientação para experienciar emoções positivas (simpatia, amor, compaixão) e uma tendência para desvalorizar as experiências que originam emoções negativas (hostilidade, desespero, angústia) (ARDELT, 2004). Os indivíduos dotados de sabedoria evitam estratégias de confronto e de conflito (domínio, submissão, evitação) e preferem/optam pelas que se assentam na cooperação.

Os processos que dão acesso à sabedoria evidenciam uma concepção de forte pendor psicológico do desenvolvimento, ao levarem em conta apenas a dinâmica interna do desenvolvimento do sujeito individualmente,

[...] ignorando não apenas o modo de relacionamento entre o indivíduo e o contexto em que está inserido, como a influência mútua, entre indivíduo e ambiente que, de forma constante, desenvolvem processos contínuos de transformação (VANDENPLAS-HOLPER, 2000, p. 35).

88

CAPÍTULO 3

Por sua vez, Kramer (2000 apud KUNZMANN, 2009) refere-se à sabedoria como o conhecimento mediado pelo tempo, que guia o comportamento, otimizando a produtividade simultaneamente ao nível individual, de grupo e da sociedade.

Além disso, Edmonson (2005) e Staudinger (1996) argumentam que a sabedoria não tem sentido sem um contexto cultural ou interpessoal e apelam para novas dimensões a serem consideradas na análise da sabedoria, em que inevitavelmente os condicionamentos socioculturais marquem presença.

Assim, a sabedoria

[...] representa um conhecimento qualificado e valorizado socialmente, remetendo eminentemente para a praticidade, que visa enfrentar as questões existenciais relacionadas com o sentido e a condução da vida, perante as limitações e incertezas do conhecimento (KUNZMANN, 2009, p. 297).

A orientação desses autores nos conduz a outra abordagem da sabedoria, centrada nas aproximações de Bourdieu (1984), a partir da qual o indivíduo está claramente inserido num campo de ação social, no qual se constrói e reconstrói cotidianamente e em que a relação com esse mesmo campo é sempre mediada pela ação prática. Se até aqui a análise se centrou essencialmente nos processos cognitivos favoráveis à “aquisição” da sabedoria, importa agora analisar como se processa/estabelece a ligação da sabedoria com a ação, ou seja, como a ação se relaciona com a sabedoria e como a sabedoria se expressa na ação.

89

CAPÍTULO 3

Para se perspectivar/reconhecer a sabedoria como um saber prático, é necessário que se diminua a distância existente ou que se supere a cisão entre contemplação e ação. Esse ato pressupõe (e exige) uma valorização do saber prático e da *práxis*. Perante essa concepção, aceita-se e defende-se que as práticas individuais e coletivas cotidianas tenham subjacente uma sabedoria prática. Não se trata, aqui, de uma prática específica no sentido da ação, mas de uma prática que incorpora valores, sentidos e significados resultantes das experiências individuais nos mais diversos contextos. O que caracteriza o saber prático é a diversidade de conhecimento que surge lentamente (exigindo um tempo necessário para ser alcançado/reunido/ apropriado/processado) e que é adquirido sem sistematicidade ou método a partir de uma diversidade e heterogeneidade de experiências cotidianas.

O conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu (1984) é indissociável desse saber prático. Para esse autor, o *habitus* é uma matriz de disposições que é adquirida através das experiências sociais inculcadas e que pode ser entendida como sabedoria prática. Essa matriz define os modos de perceber, sentir e pensar que levam o indivíduo a agir de determinada forma perante certas situações.

O *habitus* enquanto sistema de disposições duráveis e transferíveis opera como suporte das práticas e representações sociais vinculadas a uma forma específica de existência e é incorporado através da interação social. O *habitus* remete para modos socialmente adquiridos e tacitamente ativados de agir, pensar, sentir, perceber, interpretar, classificar e avaliar. De acordo com Setton (2002, p. 52),

90

CAPÍTULO 3

[...] o ajuste dá-se através da operação tácita ou pré-reflexiva de um *habitus* socialmente estruturado (subjetivamente inculcado a partir de uma trajetória experiencial percorrida ao longo de uma ou mais posições em uma estrutura objetiva de relações) e socialmente estruturante (pois tende a reproduzir as estruturas que o constituíram quando mobilizado recursivamente nas ações dos indivíduos).

Nesse sentido, a realidade social não é percebida por Bourdieu apenas como exterioridade ou interioridade, mas simultaneamente como exterioridade objetiva e interioridade subjetiva ou, de acordo com Peters (2013, p. 53), “como exterioridade objetiva subjetivamente interiorizada e interioridade subjetiva objetivamente exteriorizada”.

O *habitus* manifesta-se no cotidiano sob a forma de um conhecimento tácito e de uma visão de mundo, que se expressa nas motivações, preferências, aspirações, expectativas e reações às experiências. Nessa perspectiva, o *habitus* que orienta as ações no cotidiano e a construção do conhecimento prático (que capacita o agente para a ação) é fundamental na organização da vida social.

Assim, ele não tem ou oferece respostas/soluções para cada situação ou contexto, pois é basicamente adaptativo, modificando-se e adaptando-se a cada nova situação e/ou mudança na estrutura social (novas tecnologias, realidades, condições). Com a mudança do *habitus*, alteram-se a compreensão, as percepções, as representações, os julgamentos ou as valorizações do mundo, determinando o modo de agir do indivíduo.

91

CAPÍTULO 3

Além disso, tenta sempre a superação das oposições que se manifestam entre os eventos do passado e os problemas do futuro e pode mudar à medida que as condições sociais e históricas são alteradas (BOURDIEU; PASSERON, 1970). É também por isso que o *habitus* é definido como o produto da internalização, pelo indivíduo, das condições históricas e sociais realizadas ao longo de sua trajetória pessoal e social. Nessa concepção, o *habitus* não é somente um produto da história, como também contribui para produzir a própria história.

Concebendo o *habitus* como um sistema de disposições ligado a uma trajetória social, as ações práticas dos indivíduos transcendem o presente imediato. De acordo com Setton (2002, p. 65), “as ações práticas referem-se a uma mobilização prática de um passado (trajetória) e de um futuro inscrito no presente como estado de potencialidade objetiva”.

No entanto Bourdieu, não considera os indivíduos atores racionais. Defende que eles não avaliam as chances de as suas ações serem bem-sucedidas de maneira racional, por meio de cálculos de probabilidade construídos “com base em experiências controladas e a partir de dados estabelecidos segundo regras precisas” (BOURDIEU, 1994, p. 62). Para esse autor, os agentes sociais não são

[...] indivíduos conscientes e conhecedores, obedecendo a razões e agindo com pleno conhecimento de causa, conforme acreditam os defensores da teoria da ação racional. [...] Os “indivíduos” são, de fato, agentes [...] dotados de um senso prático [...], de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão [...], de estruturas cognitivas

92

CAPÍTULO 3

duradouras [...] e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O *habitus* é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação (BOURDIEU, 1994, p. 42).

Apesar de o indivíduo ter as suas ações condicionadas pelo *habitus* e pela situação concreta com que se defronta, Bourdieu (1994) considera que, dentro dessas limitações, ele age com certo grau de liberdade e nega o determinismo do *habitus*. Também Setton (2002) afirma que o conceito de *habitus* procura romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas, recuperando a noção ativa dos indivíduos, cujas condutas tendem a adaptar-se às condições objetivas, não sendo, no entanto, resultado de um cálculo racional e deliberado prévio. De acordo com Peters (2010), os indivíduos atualizam continuamente as intuições tácitas de sentido prático adquiridas a partir da exposição continuada e recorrente a condições semelhantes de ação, as quais lhes permitem responder tacitamente aos diferentes e contingentes desafios com que se deparam cotidianamente.

A esse propósito, e adaptando o exemplo de Bourdieu e Wacquant (1992), pode-se então apontar que, se um idoso conversa com um jovem hoje, em Portugal ou no Brasil, não são duas pessoas que conversam, mas sim a história portuguesa ou brasileira dos últimos 50 anos em todo o seu esplendor ou toda a transformação das relações intergeracionais ao longo desse mesmo tempo.

A partir desse ponto, a questão que se coloca é se a sabedoria tradicionalmente associada aos idosos pode ser conceituada em termos periciais ou se ela se remete para o saber prático,

93

CAPÍTULO 3

que confronta o indivíduo com o social e com uma realidade que o questiona e que dele exige respostas para situações concretas. Não se espera e não se solicita ao idoso que resolva problemas que exigem um apurado conhecimento pericial (sobre a tecnologia digital), mas sim que solucione problemas que demandem uma sabedoria acumulada lentamente ao longo do tempo nas experiências cotidianas (família ou carreira). Nessa perspectiva, a noção de *habitus* enquanto espécie de senso prático do que se deve fazer numa dada situação parece preencher os requisitos da sabedoria associada aos idosos. É esse senso prático que se espera deles, em cada contexto.

Perante a realidade do mundo contemporâneo, dominada pelo caráter transitório do conhecimento, a possibilidade enquanto um *habitus* híbrido, construído não apenas como expressão de um sentido prático incorporado e posto em prática de forma automática, mas uma memória em ação e construção”, é defendida por Setton (2002, p. 66). A autora ainda ressalta que esse *habitus* se afigura a um sistema de disposições em construção, que traz o passado para o presente ao perspectivar o futuro.

Quando se afirma que a probabilidade da ocorrência da sabedoria aumenta com a idade, porque esta acarreta acumulação de experiências relevantes sem existir necessariamente uma relação necessária entre velhice e sabedoria, mais uma vez é do processo de aquisição do conhecimento que se fala, e não da sabedoria ou saber prático, que situa o passado no presente e oferece resposta para os dilemas do cotidiano. Por isso, Naranjo (1972, p. 225) defende que a sabedoria vai além e “transcende o intelecto” e Blanchard-Fields e Norris (1995, p. 105) argumentam que “[...] a sabedoria não é simplesmente um aspecto do conhecimento, mas o

conhecimento é apenas um aspecto da sabedoria”. De fato, as correntes desenvolvimentistas, quando analisam a sabedoria, evidenciam

94

CAPÍTULO 3

a insuficiência das concepções ‘personológicas’ que se limitam a considerar unicamente a dinâmica interna do desenvolvimento do sujeito individualmente considerado (VANDENPLAS- HOLPER, 2003, p. 35).

Ser idoso não é uma condição suficiente para a emergência da sabedoria, como apontam os estereótipos, mas indubitavelmente contribui bastante. É inegável que as pessoas mais velhas usam suas experiências de vida de forma cumulativa e ideal para preservarem o seu poder e assim induzirem o respeito e serem legitimadas a sua autoridade.

Face à capacidade de se lembrar de fatos e procedimentos, de fazer novas associações e atualizações, de enunciar hipóteses, de realizar análises éticas e morais e de oferecer alternativas e soluções baseadas na experiência acumulada, construída e reconstruída cotidiana e continuamente, os idosos apresentam padrões de comportamento que se traduzem no saber prático/ sabedoria prática. Essa sabedoria prática (que orienta a percepção da situação e oferece resposta adequada) traduz cotidianamente a interpenetração entre o passado, o presente e o futuro.

É essa “memória em ação e construção” (SETTON, 2002, p. 66), já referida, que lhes permite estabelecer as pontes que ligam o passado ao futuro e que os habilita a viverem e sobreviverem em diferentes mundos – o da tradição (pautado pela segurança e confiança) e o da mudança permanente (marcado pela transitoriedade, pelo risco, pela desorientação e pela sensação de perda de controle).

REFERÊNCIAS

- ARDELT, M. Wisdom and life satisfaction in old age. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, Oxford, v. 52B, n. 1, p. 15-27, 1997.
- ARDELT, M. Wisdom as expert knowledge system: a critical review of a contemporary operationalization of an ancient concept. **Human Development**, Berkeley, v. 47, n. 5, p. 257-285, 2004. Disponível em: <<http://users.clas.ufl.edu/ardelt/Wisdom%20as%20expert%20knowledge%20system.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny: selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist**, Washington, v. 52, n. 4, p. 366- 380, 1997.
- BALTES, P. B.; SMITH, J. Towards a psychology of wisdom and its ontogenesis. In: STERNBERG, R. J. (Ed.). **Wisdom: Its nature, origins, and development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 87-120.
- BARROS DE OLIVEIRA, J. **Psicologia do envelhecimento e do idoso**. Porto: Livpsic – Psicologia, 2005.
- BLANCHARD-FIELDS, F.; NORRIS, L. The development of wisdom. In: KIMBLE, M. A. et al. (Ed.). **Aging, spirituality, and religion: a handbook**. Minneapolis: Fortress Press, 1995. p. 102-118.

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. 277p.

BOURDIEU, P. **Raisons pratiques**: sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994. 251p.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **La reproduction: éléments** pour une théorie du système d'enseignement. Paris: Editions de Minuit, 1970.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

EDMONSON, R. Wisdom in later life: ethnographic approaches. **Ageing & Society**, Cambridge, v. 25, n. 3, p. 339-356, 2005.

HELSON, R.; SRIVASTAVA, S. Creative and wise people: similarities, differences, and how they develop. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Thousand Oaks, v. 28, n. 10, p. 1430-1440, 2002. Disponível em: <<http://pages.uoregon.edu/sanjay/pubs/creativeandwise.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

IZQUIERDO MARTÍNEZ, A. Psicología del Desarrollo de la Edad Adulta: teorías y Contextos. **Revista Complutense de Educación**, Madrid, v. 16, n. 2, p. 601-619, 2005. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1432121>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

KRAMER, D. A. Wisdom as a classical source of human strength: conceptualization and empirical inquiry. **Journal of Social and Clinical Psychology**, Tallahassee, v. 19, n. 1, p. 83-101, 2000.

KUNZMANN, U. Desarrollo adulto y dinámica emocional – motivacional. In: BALLESTEROS, R. F. (Ed.). **Psicogerontología: perspectivas europeas para un mundo que envejece**. Madrid: Piramide, 2009. p. 27-44.

LABOUVIE-VIEF, G. Age and sex differences in strategies of coping and defense across the life span. In: DIEHL, M.; COYLE, N.; LABOUVIE-VIEF, G. **Psychology and Aging**, Washington, v. 11, n. 1, p. 127-139, 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/0882-7974.11.1.127>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

MAYER, J. D. A field guide to emotional intelligence. In: CIARROCHI, J. P.; FORGAS, J. P.; MAYER, J. D. (Ed.). **Emotional intelligence in everyday life**. Philadelphia: Psychology Press, 2001. p. 3-24.

NARANJO, C. **The one quest**. New York: The Viking Press, 1972.

NERI, A. Legado de Paul. B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

PETERS, G. Humano, demasiado mundano: a teoria do habitus em retrospecto. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 8-37, 2010.

98

PETERS, G. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 83, p. 47-71, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n83/04.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2015.

STAUDINGER, U. M. Wisdom and the social-interactive foundation of the mind. In: P. BALTES; U. M. STAUDINGER (Ed.). **Interactive minds: life-span perspectives on the social foundation of cognition**. New York: Cambridge University Press, 1996. p. 276-315.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 60-70, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

VANDENPLAS-HOLPER, C. **Desenvolvimento Psicológico na Idade Adulta e Durante a Velhice**. Alfragide: ASA, 2000.

VANDENPLAS-HOLPER, C. **Le développement psychologique a l'âge adulte et pendant la vieillesse: maturité et sagesse**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

WINK, P.; HELSON, R. Practical and transcendent wisdom: their nature and some longitudinal findings. **Journal of Adult Development**, New York, v. 4, n. 1, p. 1-15, 1997. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/BF02511845#page-2>>. Acesso em: 12 mar. 2015.
